



Universidade de Brasília

**UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – AUDIOVISUAL**

**ALEXIA DIMAS DE SOUZA FIDALGO**

**CICLO**

**BRASÍLIA – DF**

**2016**

**ALEXIA DIMAS DE SOUZA FIDALGO**

**CICLO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduação em Comunicação Social – Audiovisual, sob orientação da Profa. Isabela Lara.

**BRASÍLIA – DF**

**2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduação em Comunicação Social – Audiovisual, sob orientação da Profa. Isabela Lara.

Aprovado em: \_\_ / \_\_ / \_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Isabela Lara

---

Profa. Erika Bauer

---

Fernando Lackman

---

Profa. Denise Moraes (suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, minha musa inspiradora não só para o trabalho como para grande parte do que faço na vida. Obrigada pelas dicas de livros e abordagens, pelos puxões de orelha quando a preguiça era muita e pela intensidade de vida, sempre honesta e amorosa, mesmo que muitas vezes custosa, que me abriu os olhos desde sempre para enxergar a beleza em cada personalidade diferente que brotar em meu caminho.

Agradeço ao meu pai, por não me deixar desistir do curso naquele momento que provavelmente todo aluno de graduação pensa em desistir.

Agradeço muito à equipe do filme, Julia Melo, Fernanda Roza, Lorena Loschi, Gabriel Pinheiro e Arthur Andrade. Sem vocês teria sido impossível. Obrigada por realizarem este projeto comigo.

*O importante a respeito da ciência não é a obtenção de novos fatos, mas sim a descoberta de novas maneiras de pensar sobre eles. – Sir William Bragg, vencedor do prêmio Nobel de física de 1915.*

*O mundo existe. Mas o meu mundo só existe dentro da minha cabeça. E o seu também. A irrealidade é justamente essa tentativa de que o mundo tenha uma mesma imagem para todos. Essa visão hegemônica desumaniza. O entendimento de que cada pessoa opera de um jeito diferente, permite que a gente olhe pra fora com compaixão. (...) – Aryanne Audrey Rodrigues, fotógrafa.*

## RESUMO

O produto aqui apresentado explora a união entre filme e moda, entre mania e depressão, entre a imaginação e a realidade. Para tanto, faz-se uso de um gênero audiovisual em ascensão, o *fashion film*. Inspirado no transtorno bipolar, o filme, através de imagens, sons, movimentos e efeitos, passa um pouco da sensação de como se sente uma portadora do transtorno, sendo isto representado por um trabalho focado na fotografia, na direção de arte e no figurino. Experimenta-se no filme como são os picos de mania, como a auto-estima exageradamente elevada, a irritabilidade e a compulsão; e picos de depressão como a apatia e os pensamentos suicidas. O filme traz uma visão romantizada, fantasiosa destes momentos, longe de retratar fielmente o sentimento de um bipolar, até porque cada um pode sentir as manias e depressões à sua própria maneira e intensidade. CICLO mostra a maneira da jovem Coraline, onde o real e a imaginação se fundem em uma coisa só, na forma de um produto que visa ser sentido mais do que entendido.

**Palavras-chave:** bipolaridade, moda, *fashion film*, depressão, mania.

## SUMÁRIO

	Justificativa .....	8
	Objetivos Principal e Específicos .....	9
1	A Bipolaridade .....	10
2	A Moda como expressão .....	13
3	Entendendo os <i>Fashion Films</i> .....	15
4	CICLO – O filme .....	22
4.1	A Personagem .....	22
4.2	O figurino e a direção de arte .....	25
4.3	A fotografia .....	37
5	Memorial de filmagem .....	38
	Conclusões .....	42
	Referências .....	44
	Anexos .....	45

## JUSTIFICATIVA

O trabalho apresentado se torna relevante na medida em que trabalha um tema importante, como os transtornos mentais, e de uma forma não convencional como os *fashion films*. Há ainda, não somente no Brasil, mas ao redor de todo o mundo, a necessidade de romper com o preconceito gerado em torno dos transtornos psicológicos. Segundo Marina W. (2006, p.101), até 70% dos portadores do transtorno bipolar tentam cometer suicídio alguma vez na vida, e 15% conseguem de fato. Isto é alarmante, é preciso que isto seja divulgado ao maior número de pessoas. E é preciso também levar a forma como os portadores se sentem. O filme CICLO não tem como objetivo apresentar dados sobre o tema nem estatísticas, mas sensibilizar o público para um problema mais comum do que se imagina. O filme visa fazer com que este e outros transtornos sejam pauta em outros meios de comunicação, para que então possam ser mais bem explicados na mídia e recebam uma atenção mais humanizada e sensível por parte dos veículos de comunicação. Como é sabido, na nossa sociedade o que recebe mais valor e atenção é a informação noticiada pela mídia. Felizmente a internet possibilita que a escolha dos temas do que passa a ser notícia não fique restrito à capacidade de disseminação e ao grande poder de poucas corporações midiáticas. Com o objetivo de construir uma pluralidade de opiniões e fomentar o diálogo na sociedade, é importante que sejam gerados e difundidos pela internet conteúdos independentes sobre temas relevantes para as pessoas. E como o meio principal de divulgação do gênero *fashion film* é a própria internet, têm-se o duo perfeito.

Os *fashion films*, pela sua capacidade de inserir o espectador em um universo de apelos visuais e emotivos, torna-se uma ótima ferramenta de transmitir sentimentos tão marcantes como os que o filme se propõe a causar. Este filme pretende fazer o espectador sentir. Não necessariamente entender nem mesmo a cronologia, mas sentir a intensidade com que as emoções são passadas, pois é assim que os portadores do transtorno são: intensos. Como neta e filha de mulheres maravilhosas portadoras do transtorno bipolar, pude presenciar de perto durante 24 anos esta intensidade. E me sinto quase que na obrigação de mostrá-la ao mundo.



## **Objetivo Principal**

Este trabalho tem como objetivo principal trazer uma visão humanista para o transtorno bipolar de personalidade e colocá-lo em pauta através de um gênero audiovisual em ascensão e que tem as possibilidades estéticas ideais para permitir a experiência sensorial vivida pelas pessoas com a bipolaridade.

## **Objetivos específicos**

O presente projeto tem como objetivos específicos:

- realizar um *fashion film* de baixo orçamento.
- transmitir emoções e sentimentos com o filme através de uma narrativa audiovisual que permita maximizar o envolvimento emocional dos espectadores sem criar uma narrativa complexa.
- perpassar tanto a fase melancólica quanto a maníaca do transtorno bipolar.
- construir elementos cenográficos e figurinos que gerem impacto visual.
- contribuir para colocar em evidência na sociedade os transtornos psicológicos de humor por meio da internet.

## 1. A Bipolaridade

O transtorno bipolar é caracterizado pela alternância entre dois polos de humor, a depressão e a mania (euforia), com intervalos de normalidade intercalados. A diferença de tempo entre um episódio e outro e a intensidade com que se manifestam é diferente para cada pessoa, o que dificulta o diagnóstico. O cérebro funciona através de sinapses e a sinapse do bipolar é uma sinapse alterada. Mas, a ideia de que o bipolar é aquele cujo humor oscila simplesmente entre alegria e tristeza é errada. O transtorno vai muito além disso. Durante os episódios de mania encontram-se: irritabilidade alta, autoestima também muito elevada (sentimento de grandiosidade), compulsões (por comida, sexo, compras e outros), pensamento acelerado, impulsividade, energia exagerada, desejo por aventuras e sentimento de infalibilidade. Já nos episódios depressivos, há: apatia, perda de apetite, desânimo, baixa autoestima, reclusão, tristeza, fobia social, dificuldade de focar em algo e pensamentos suicidas.

A bipolaridade é um transtorno de humor bastante frequente na população, mas a falta de divulgação dos conhecimentos sobre ele e principalmente o preconceito fazem com que seja uma doença menosprezada e seus portadores tidos como loucos. Ao falar em transtorno de humor, logo se pensa na depressão, doença tida como da moda, o chamado “mal do século”. Mas, o que não é amplamente difundido, apesar da grande disseminação atual que se tem sobre a depressão, é que ela pode ser tanto unipolar como bipolar. O que não é propagado pela grande mídia é que, conforme o psiquiatra Diogo Lara (2009, p.29) em até metade dos casos, pessoas com depressão são do tipo bipolar. Parece um número demasiadamente alto quando se ouve uma primeira vez. Mas, mais uma vez, o que é pouco divulgado é que não existe só um tipo de bipolaridade. Os subtipos variam entre tipo I, II, III, IV e ciclotímico. Alguns têm períodos depressivos e ansiosos muito mais marcantes do que o período de euforia, o que faz com que sejam confundidos facilmente com portadores de transtornos de humor unipolar. Para que o diagnóstico de bipolaridade seja dado, é necessário que haja uma depressão após a euforia, mas ela pode demorar mais de uma década para se manifestar, principalmente em bipolares dos tipos IV e ciclotímicos. Segundo Lara (2009, p. 35) “enquanto cerca de

1% da população é bipolar do tipo I, em torno de 6% a 8% manifestam uma das formas mais leves do transtorno (do tipo II a IV e ciclotimia) durante a vida.”. Segundo a Associação Brasileira de Transtorno Bipolar, juntando-se os portadores do tipo I e do tipo II do transtorno, estima-se que 1,8 a 15 milhões de brasileiros possuam a doença.

A descrição da bipolaridade data do final do século XIX, quando o transtorno foi estudado pelo psiquiatra alemão Kraepelin e nomeado de psicose maníaco-depressiva. Mas, foi somente no início dos anos 1980 que a doença deixou de receber tal nome, passando a ser chamada de Transtorno Bipolar de Humor, pois estudos psiquiátricos revelaram que nem todo maníaco-depressivo era psicótico. Importante ressaltar que só no ano de 2002, dois séculos depois, que foi lançado o primeiro livro sobre o tema no Brasil, chamado Transtorno Bipolar e escrito por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP). A falta de discussões sobre o tema, principalmente aqui no Brasil é extremamente preocupante. De acordo com Marina W. (2006, p.101) até 70% dos portadores do transtorno tentam suicídio ao menos uma vez na vida e 15% o conseguem de fato. São milhares de pessoas sofrendo muitas vezes sem nem entender o que está acontecendo com elas mesmas, porque as informações não são disseminadas devidamente.

É comum que os bipolares sigam o caminho das artes.

Elas também parecem ter uma facilidade maior para entrar em um estado chamado de fluxo, em que se fica como que embestado, absorto na realização de uma atividade adorada e dominada, com sensação de leveza e bem-estar que geralmente tem resultados maravilhosos. Depois de passado esse estado não é raro que o próprio autor, no seu humor normal, se surpreenda com a qualidade, a fluência ou a criatividade da obra. ( Lara, 2009, p. 40).

A exemplo disto tem-se um dos mais famosos músicos de todos os tempos, Mozart, que era portador do transtorno bipolar como informa Lara (2009, p.150). Seu filme biográfico, Amadeus, mostra vários momentos que se encaixam no comportamento

típico de um bipolar. Como quando ele afirma que o dinheiro sempre acaba porque “escapa de suas mãos”, mostrando uma compulsão por gastos; ou quando tem ataques de raiva e joga a partitura de uma obra na qual vinha trabalhando há muitas semanas na fogueira. O filme mostra também momentos depressivos onde o músico se tranca em casa e não tem vontade de sair.

De acordo com Lara (2009, p.150) e Marina W. (2006, p. 181 à 184) há também outros vários artistas famosos portadores do distúrbio, como os cineastas Lars von Trier, Tim Burton, Francis Coppola, os pintores Salvador Dalí, e Vincent van Gogh, os músicos Elvis Presley, Tchaikovsky, Janis Joplin, Axl Rose, Jimi Hendrix e Kurt Cobain, os escritores Sylvia Plath, William Blake, Agatha Christie, Emily Dickinson, Virginia Woolf, Robert Frost, F. Scott Fitzgerald, Victor Hugo, Edgar Allan Poe, Charles Dickens, Ernest Hemingway, Leon Tolstoi e Fernando Pessoa. É uma lista enorme de pessoas que, se deixadas levar pelo julgamento da sociedade, podiam muito bem não terem produzido metade das coisas que produziram. Vários dessa lista vieram a cometer suicídio e muitos abusavam de drogas provavelmente influenciados, entre outras coisas, pelas fases maníacas. O mundo como conhecemos certamente seria diferente se estas pessoas não tivessem criado o que criaram, se não tivessem tido em seus âmagos a necessidade de expressar seus mais sinceros sentimentos. E não só os bipolares têm uma certa inclinação para as artes, como as artes também sempre tiveram uma propensão a personagens imersos em conflitos próprios da existência humana, da aceitação da aspereza da vida, dos sofrimentos enfrentados pela alma e pela mente e a exploração dos limites entre a sanidade e a loucura. Seja em livros, filmes ou até séries fotográficas. A arte sente apreço pela intensidade humana. E o bipolar é a personificação da intensidade.

## 2. A moda como expressão

As roupas servem, com certeza e antes de mais nada, como forma de proteger o corpo do ambiente externo com o qual ele está em contato. Mas, como afirma Umberto Eco em sua obra *Psicologia do Vestir*, “O vestuário é comunicação”. As roupas exprimem sentimentos e ajudam na formação de uma identidade pessoal, assim como fazem um trabalho cultural na sociedade. Elas representam quem somos, como queremos ser vistos e entendidos em um ambiente coletivo, o que queremos representar naquele dia em específico e em um determinado estágio da vida. Trata-se, portanto, de um processo simbólico. A comunicação não-verbal tem uma amplitude sem limites, pois vai além da linguagem escrita que restringe a informação àqueles dotados de conhecimento para decifrá-la. A comunicação não-verbal faz então com que aumente o alcance da mensagem em questão, mesmo que a compreensão de tal mensagem seja diferente para cada um dos receptores de acordo com sua região e cultura, suas experiências e vivências pessoais, suas impressões de mundo, assim como acontece basicamente com toda forma de arte.

A arte, se analisada pela origem da palavra, deriva do latim *ars*, que significa ordenar ou fazer ordem e, segundo Luft (2001) do grego *techné* que é a capacidade que o homem tem de por em prática uma ideia. E a moda faz parte disso. Seja através do estilista que idealiza e produz uma roupa, pensando em expressar algo ou representar uma tendência da sociedade; seja através do stylist (produtor de moda) que idealiza uma produção, juntando peças de diferentes lojas, estilistas e épocas para um ensaio fotográfico ou desfile, também na intenção de se expressar ou imprimir sua impressão de reflexo da sociedade; seja pela ação do figurinista em uma criação audiovisual, que, segundo Kalil, “não tem a função nem a intenção de inventar moda, mas de servir-se da moda existente para compor o personagem”; seja através dos próprios consumidores da indústria fashion, que compram roupas estabelecendo uma identidade visual idealizada.

Segundo Castilho (2009, p.34) “A moda pode ser compreendida como a expressão de um conteúdo, e, assim, ela pode ser lida como um texto, que, por sua vez, vincula um discurso”.

Através da moda, mais especificamente a moda “em movimento”, decidi então expressar um assunto extremamente delicado como o como o universo emocional das pessoas com bipolaridade através de um fashion film que une moda a uma estética audiovisual arrojada e inovadora. Através das cores das vestimentas, de quão carregadas (de tecido ou expressividade) as produções são ou não; através da presença de acessórios e finalmente das linguagens corporais foram passadas as mensagens sobre a bipolaridade que eu pretendia passar. A moda já uma arte com bastante capacidade de expressão, e juntamente com a linguagem audiovisual dos *Fashion Films*, instituiu-se a combinação ideal.

### 3. Entendendo os *Fashion Films*

A forma escolhida para retratar todo este mundo do transtorno bipolar de humor foi o gênero audiovisual que vem crescendo muito na sociedade conectada de hoje: o *fashion film*. A história dos *fashion films* não é exatamente nova e, portanto, apesar de só recentemente estar se destacando, o gênero não deve ser considerado como uma fase. Ao pegar como exemplo Danse du Papillon de Alice Guy, filme de 1900 e Danse Serpentine, de Loie Fuller, de 1896 e comparar com os *fashion films* de Ruth Hogben para Gareth Pugh, fica evidente a forma como o figurino e a moda foram e são usados como um suporte estético para as narrativas.



Figura 1. Still do filme Danse serpentine (1896), de Loie Fuller.



Figura 2. Still do filme *Danse du Papillon* (1900), de Alice Guy.



Figura 3. Still do *fashion film* de Ruth Hogben para a coleção outono-primavera de 2009 de Gareth Pugh

Com o surgimento do som no cinema e a ascensão de Hollywood, muitos diretores de cinema se uniram a estilistas para darem vida a uma narrativa através da moda



e do figurino. Ainda em 1930, Coco Chanel produziu o figurino do filme *O Sangue de um Poeta*, de Jean Cocteau. Outro grande estilista, Yves Saint Laurent, começou a produzir figurinos para filmes aos 24 anos de idade, e dentre eles está o premiado filme *Belle de Jour* (1967), de Luis Bunuel.

Uma forte parceria entre estilista e cineasta se deu entre os artistas Jean-Paul Gaultier e Pedro Almodóvar. O primeiro trabalho dos dois juntos foi o filme *Kika* (1993), seguido por filmes como *Má Educação* (2004) e *A Pele que Habito* (2011).



**Figura 4.** Um dos figurinos mais marcantes do filme *Kika* (1993), de Pedro Almodóvar, feito por Gaultier



**Figura 5. Gaultier fez também figurino para outros filmes, como O Quinto Elemento (1997), de Luc Besson**

Um momento marcante foi quando surgiu nos anos 50 a televisão colorida, possibilitando grandes marcas a deixarem de atingir um público muito restrito, elitista, e atingirem então através deste meio de comunicação um mercado de massa. Com isso, as marcas passaram a contratar diretores para trabalharem em seus comerciais. Mesmo sendo um trabalho extremamente lucrativo e que atraiu grandes nomes do cinema como Jean-Luc Goddard, que dirigiu um comercial para a marca Schick em 1971, este ramo ainda era tido como restritivo. Achava-se que o foco ficava muito no produto que estava sendo vendido, limitando a criatividade do diretor. Importante ressaltar que estes não são considerados *fashion films*, mas um estágio inicial que impulsionou sua formação.

Nos anos 80 vieram os videoclipes musicais, um meio no qual a moda conseguiu se expressar e ousar bastante. Mas, apesar do peso da cultura visual que veio com os videoclipes e os artistas, o fator principal deste gênero ainda era a música, enquanto a moda continuava a ser um coadjuvante.

Foi em 2000 quando o fotógrafo Nick Knight lançou o site SHOWstudio.com para mostrar como a moda pode ser representada em movimento, que os *fashion films*

tiveram uma plataforma para se estabilizar. Antes, a plataforma dominante de manifestação da moda eram as revistas. Mas com um público que lia cada vez menos e assistia cada vez mais, a internet permitiu mostrar que a moda é melhor vista quando em movimento e que os filmes tornavam-na viva de um jeito que uma revista jamais conseguiria fazer. O site conta, ainda, com sessões de acesso à loja do site, onde é possível comprar roupas, ilustrações e revistas; à entrevistas com diversos nomes da área artística e às coleções lançadas pelas grandes marcas.

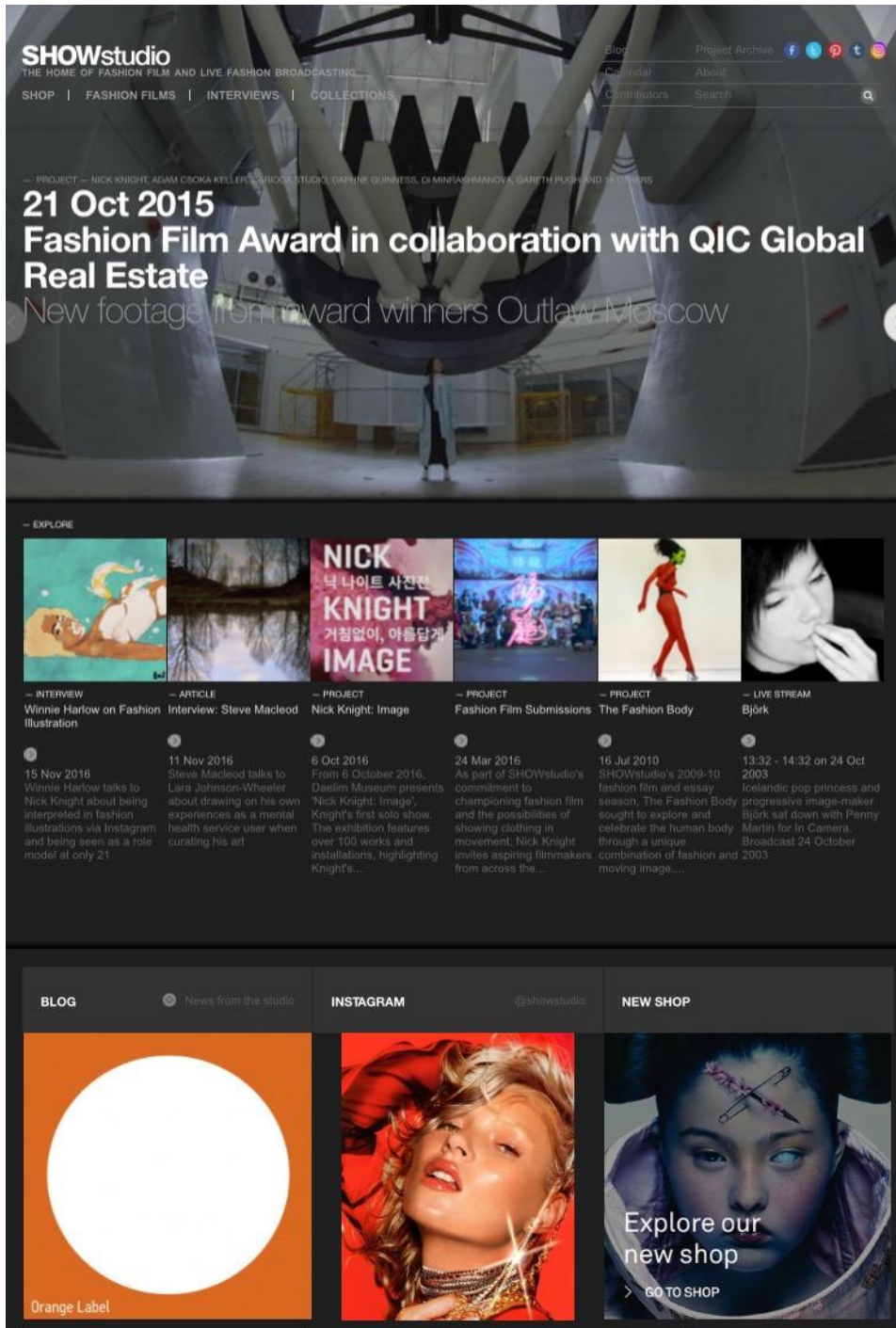


Figura 6. Página inicial do site SHOWstudio.com

**SHOWstudio**  
THE HOME OF FASHION FILM AND LIVE FASHION BROADCASTING

SHOP | FASHION FILMS | INTERVIEWS | COLLECTIONS





Blog Project Archive  
Calendar About  
Contributors Search

## The best of global fashion film

FEATURED




— NICK KNIGHT, IMAGE  
**Digital and Movement**

Knights recent works, including experimental techniques such as moving images and 3D scanning, and a retrospective fashion film


— NICK KNIGHT, HARUN GÜLER, LAURA SEARLE, VICTOR CLARAMUNT, SYLVAIN NAZARI, AND YUEN HSIEH  
Fashion Film Submissions

— GARY ASPDEN, LOU STOPPARD, GARY WARNETT, ELGAR JOHNSON, MANDI LENNARD, DARYOUSH HAJ-NAJFI AND JASON EVANS  
Sportswear

— NICK KNIGHT, FAUSTINE STENMETZ, NAMH WHITE AND RAQUEL COUCERO  
Faustine Stenmetz: Sculpting Denim

— NICK KNIGHT AND DAELIM MUSEUM  
Nick Knight: Image



— THE WORST CRIME IS FAKING IT

Figura 7. Sessão de *fashion films* do site SHOWstudio.com

O SHOWstudio.com foi o tema de uma grande exposição em 2009 em Londres nomeada de “Fashion Revolution”, que celebrava os nove anos do site e como ele consolidou o gênero de *fashion film* e expôs uma nova forma de experienciar a moda. A partir deste ano então, houve um grande aumento na criação de *fashion*

*films*, que passaram a ser uma nova forma de diretores e fotógrafos terem mais liberdade de criação.

Em entrevista ao site britânico Independent, o fotógrafo e criador do site SHOWstudio.com afirma:

Você tem que entender os parâmetros. Algumas pessoas acham que por ser um filme, você tem que ter uma narrativa. Eu argumento que não, da mesma forma que uma incrível fotografia de Richard Avedon da Twiggy pulando através de um fundo cinza fica sensacional e não precisa de uma narrativa. (Knight).

Por ser um gênero novo, não há regras rígidas e exatas a serem seguidas. O equilíbrio entre artístico e comercial se dá pelo destino final do filme. Os *fashion films* podem possuir falas ou não, podem possuir uma narrativa linear ou não. É uma expressão artística que se assemelha bastante à video-arte, dando ao diretor uma ampla liberdade de criação.

## 4. CICLO – O filme

CICLO desde o princípio foi pensado como um filme para ser sentido. Sim, tudo que a gente vê, ouve ou lê de uma forma ou de outra nos faz sentir algo. Mas este filme em especial nunca teve em sua concepção a intenção de que fosse compreendido. Não cabe a ele contar dados e estatísticas médicas, retratando e nomeando cientificamente os altos e baixos da vida de um portador do transtorno bipolar. CICLO não é um “filme-zoológico” onde os espectadores são como visitantes que analisam e julgam animais de uma posição superior para seu próprio entretenimento. O filme na verdade coloca os espectadores lado a lado com um bipolar, vivenciando o que ele vivencia e mostra não somente como os bipolares se sentem, mas evidencia semelhanças fazendo com que estes espectadores inclusive se questionem se não têm também o transtorno. Poderia ser você também nesta jaula em que eles são erroneamente colocados. É desta forma que CICLO foi feito para ser sentido. Sentido com os olhos, com os ouvidos, com o coração e a mente, levando a uma reflexão de quão longe chega o preconceito de um ser humano para com o outro, simplesmente por ele ser diferente em alguns quesitos.

O filme mostra a luta de uma jovem bipolar com os sintomas marcantes presentes na vida de portadores do transtorno. A melancolia, a raiva, o excesso de sono, a compulsão, a auto-imagem comprometida e o pensamento suicida.

### 4.1 A personagem

A personagem principal e quase única do filme se chama Coraline. Ela é uma jovem de vinte e sete anos portadora do transtorno bipolar do tipo I. Cabelos loiros e olhos tão verdes que fazem as pessoas se perguntarem se as copas das árvores são realmente verdes também. Como todo bipolar do tipo I, Coraline sofre da forma mais intensa de oscilação dos episódios de mania e depressão. Vê-se que trata-se de uma jovem com dinheiro e, muito provavelmente, embora fique aberto a interpretações, uma jovem com acesso a praticamente tudo o que quiser.

Coraline no início do filme é revelada em um estado melancólico. Deitada na cama, sem energia. Em um limbo onde não consegue levantar, mas também não consegue dormir. A cama a puxa para baixo e ela sente como se seu corpo pesasse uma tonelada. Uma tonelada de nada que seja útil ou promissor. Uma carcaça humana. Ela de vez em quando chora. Tem crises fortes de choro, embora não consiga nem ao menos explicar porque. Só sente vontade. É algo que precisa colocar para fora, algo que a corrói por dentro. Mas em outros momentos ela simplesmente existe. Não chora, não ri, não levanta da cama mas também não dorme. Seus pensamentos, embora lentos, são pesados e carregados de negatividade.

Vê-se então a raiva. Pode ter sido no dia seguinte, pode ter sido uma semana ou um mês depois do dia em que ela se sentia inválida na cama. Mas isso não interessa. Acontece que Coraline não encontrou um sapato que estava procurando e isso acordou algo dentro dela que é impossível de se controlar. Motivo bobo, reação intensa. É sempre assim, ela sente um formigamento dentro do peito, um calor que lhe sobe a garganta querendo lhe explodir o rosto. E precisa fazer algo. Precisa correr, precisa gritar, precisa jogar alguma coisa na parede. E desta vez corre então para a mata na companhia de um machado. Coraline não é assassina, Coraline não é psicopata. Coraline apenas não encontrou o sapato que queria usar. E isso a deixou “estressada”, como ela mesma diria. O que, para quem vê de fora, é claro que é mais do que um estresse. É uma raiva intensa, um calor vibrante no corpo que chama alguma ação. E ela então, depois de muito correr em direção a coisa nenhuma, descarrega a emoção dando uma machadada em algo. Não interessa no que foi, interessa que a raiva é sentida e intensamente expressada.

A mania vem também depois em forma de compulsão. Para Coraline, a compulsão é alimentar. Um desejo insaciável, uma fome que a invade o dia inteiro. E às vezes a fome nem é fome. Mas seja lá o que for, se resolve comendo. Então ela come. Come como se não fosse a jovem delicada e esguia que de fato é. Come em ritmo animal, visceral. E bebe. Não que ela fosse muito de se embriagar sempre, porque não era, mas em determinados momentos o álcool a ajudava a lidar melhor com o que estava sentindo.



Muitas vezes a pessoa energizada impõe um ritmo ao corpo, e o corpo não está preparado para este ritmo. Está se observando o excesso de mortalidade de bipolares por enfartes, acidentes, alguns tipos de câncer e outras doenças, e não só o suicídio. Existem doenças físicas ligadas ao transtorno bipolar. Porque são pessoas que gostam de excesso. Por isso muitos bipolares bebem tanto, se drogam muito e comem demais. (W., 2006).

E então ela sente. Aquela sensação de que nada poderia dar errado. Sensação de que não entende como todos os homens e mulheres que a conhecem não são todos apaixonados por ela. Olha estes cílios! Olha este cabelo. E ela se olha. Passa uma boa parcela dos dias se admirando, basta ter um espelho acessível. Até procura algum defeito, mas raramente encontra um. E quando encontra, esquece-se dele em menos de três minutos ou percebe que aquele defeito não é exatamente um defeito. Normalmente quando se sente assim, joga na loteria ao menos uma vez na semana e compra uma passagem para viajar na semana seguinte.

E chega o vazio. Sim, este vazio vem e vai também. Coraline não entende porque, mas mesmo tendo tudo, este tudo parece ser ainda muito pouco. Pouco para fazer sentido como um todo. Pouco para dar sentido à vida. Porque ela acha a vida muito, mas muito difícil. Acha difícil continuar a viver em um mundo onde ela sabe que só terá tempo livre e dinheiro próprio quando for velha e, conseqüentemente, sem energia. Coraline não quer envelhecer. E mesmo já tendo muito dinheiro de investimentos feitos pelos pais e deixados para ela, ela não aceita. Ela quer o dela. Ela vê que não, não é tão bonita assim. Ela vê que uma perna é mais longa que a outra, que os cabelos são lisos demais, loiros demais e os dentes demasiadamente pequenos. Não vê esperança para que alguém a queira e também não se vê tendo paciência com ninguém. E o peso dos vinte e sete vai batendo. Ela lembra de tudo que a irmã já tinha alcançado na mesma idade e conclui que de fato ela não vale de nada. Coraline já havia pensado em se matar diversas vezes. Em diversas lê-se ao menos uma vez por ano. Até que decide, silenciosamente, que não aguenta mais.

## 4.2 O figurino e a direção de arte

Se tratando de um *fashion film*, o figurino e a direção de arte são áreas que exigem muito cuidado e atenção. É um gênero muito visual. E, tendo em vista o fato de o filme retratar o universo sensível da bipolaridade, buscou-se desenvolver uma proposta estética audiovisual que representasse o transtorno de forma igualmente sensível.

Para a cena 1, a cena da melancolia, não fazia sentido carregar nas roupas nem nos objetos de cena. Optou-se por uma camisola longa, branca com transparências. A cena se passa em um quarto e a cama é quase como se fosse um segundo personagem em cena. A ideia foi que a camisola longa e solta se misturasse aos lençóis, tornando personagem e cama em uma coisa só. A tristeza e a melancolia encolhem, abatem. Foi escolhida uma peça para o figurino que não fizesse contraste a esta ideia. Logo, foi dada preferência a cores neutras e tecidos não estampados. Para esta cena, uma camisola foi emprestada por consignação pela loja Jogê. Os acessórios alugados no brechó Lolla Lab.



Figura 8: A camisola e o lençol da cama se unificaram na cena descrita.

No rosto, nada além de uma pele bem feita e bastante iluminador. Principalmente no canto interior dos olhos, fazendo referência também ao brilho que as lágrimas deixam após passarem por lá. Uma boca simples, hidratada mas sem cor aparente. Para o cabelo, algo despojado sem parecer bagunçado demais. Na cena, a personagem estava em uma fase depressiva, na cama, então o cabelo não poderia ser algo muito arrumado, mas também não muito caótico a ponto de quebrar a estética elegante que o gênero exige.



**Figura 9: Maquiagem simples, com foco no iluminador nas maçãs do rosto e interior dos olhos.**

A cena seguinte era completamente oposta. Ideia proposital se tratando de um filme inspirado na alternância de opostos extremos. A cena retrata a expressão da raiva, um sentimento forte e que aquece o corpo. A escolha ficou por abusar da cor vermelha. Tanto no vestido quanto nos acessórios e na maquiagem. Absolutamente tudo vermelho. Um excesso de cor, simbolizando um excesso de sentimento. Os cabelos tinham que ser resultantes de minutos de corrida exaustiva no meio do

mato. Logo, bem bagunçados e lotados de galhos, varetos e folhas da paisagem ao redor.



**Figura 10: Vestido Lolla Lab vermelho, colar de dente com detalhe vermelho, cabelo armado e cheio de galhos e varetos.**

Também para esta cena, era necessário um machado. A imagem do machado clássico de ponta vermelha se fazia perfeita para a situação. Na cena, a personagem percorre uma distância correndo em meio a mata e no fim extravasa o restante de sua raiva golpeando com o machado algo que respinga sangue em seu rosto.



**Figura 11. Maquiagem carregada no vermelho nos olhos, boca e bochechas; machado de ponta vermelha com sangue falso escorrendo.**

Para a cena 3, era necessário muita informação. Trata-se da cena que retrata uma compulsão alimentar. A cena expressa, mais uma vez, o exagero, a intensidade. Tendo como inspiração a cena do banquete do filme *O Labirinto do Fauno*, de Guillermo del Toro e a cena do banquete solitário do Rei Regente Denethor no filme *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, de Peter Jackson.



**Figura 12. Cena do Rei Regente Denethor em *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, de Peter Jackson.**



**Figura 13. Cena do Rei Regente Denethor em *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, de Peter Jackson.**



Figura 14. Cena do banquete em O Labirinto do Fauno, de Guillermo del Toro



Figura 15. Cena do banquete em O Labirinto do Fauno, de Guillermo del Toro

A intenção era deixar a personagem sozinha em uma mesa retangular comprida com comida em abundância, ressaltando sua solidão na luta contra aquele sintoma. Como já havia muita informação de objetos e alimentos na mesa e a personagem estaria sentada ao fim dela, o figurino não poderia ser carregado em cores e

estampas. Foi escolhido uma produção arrumada e clássica, com uma camisa social branca de poucos babados, de acervo pessoal de uma pessoa da equipe.

Para o cabelo, a ideia era fazer uma alusão à brutalidade do movimento punk através de um falso moicano. Brutalidade essa explorada na cena não por meio de violência física da personagem consigo mesma ou com outrem, mas sim da personagem com os alimentos e também de seus próprios pensamentos.

As frutas e torradas vieram todas das casas dos membros da equipe para baratear o custo da produção da cenografia da cena.



**Figura 16. Exemplo de falso moicano**

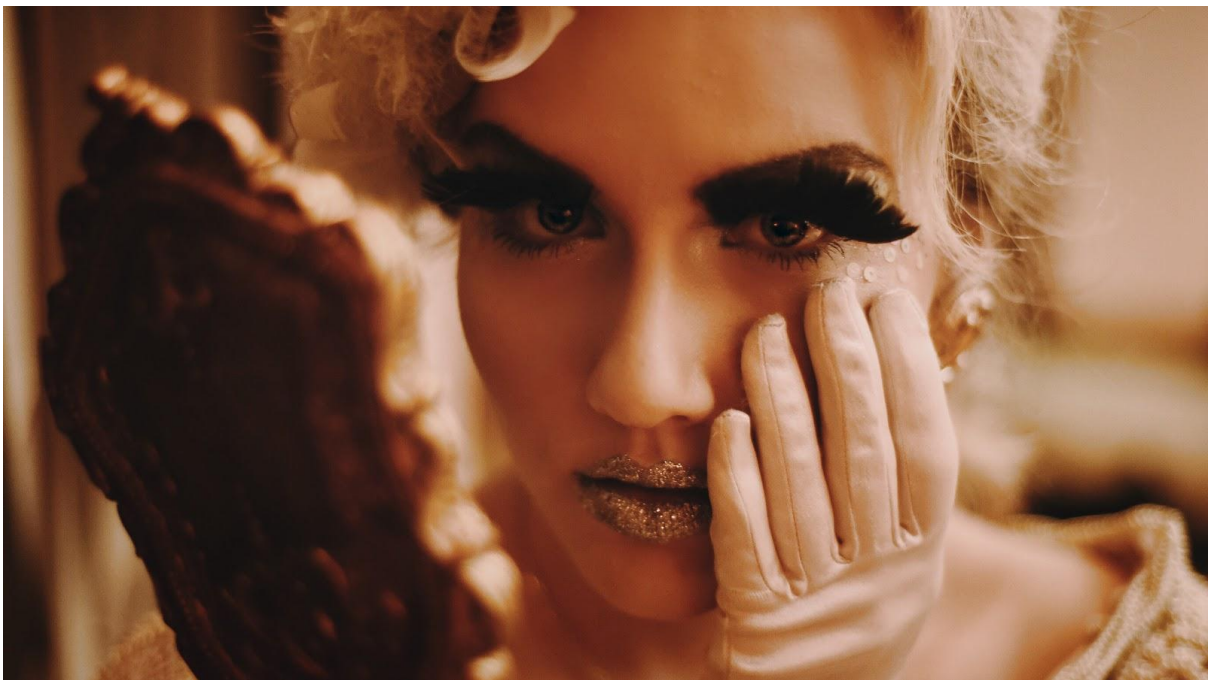




**Figura 17. Coraline (Lorena Loschi) ao fim da mesa retangular comprida composta por um banquete. Na cabeça um falso moicano, figurino acervo pessoal.**

A ideia da cena 4 era que fosse algo com um ar romântico, fantasioso, mágico. A cena retrata um momento de auto contemplação decorrente de uma auto estima absurdamente elevada, característica da fase maníaca bipolar. É um momento íntimo da personagem consigo mesma onde se admira e se sente perfeita e invencível. Da parte da direção de arte, o foco foi a máquina de fumaça e o espelho, assim como uma locação com luzes que levassem ao efeito fantástico e mágico que a cena pedia.

O figurino pedia muitos brilhos, pérolas, pedras, lantejoulas e penas; tudo perfeitamente condizente com as roupas posteriormente alugadas no Llolla Lab. O cabelo pintado de branco junto a um chapéu de penas e uma maquiagem carregada em brilhos. Tudo para deixar a personagem leve, delicada e clássica, quase como um pássaro. É como se a cena que é vista se passasse dentro da mente da personagem, uma viagem introspectiva da própria Coraline e não um momento onde ela é flagrada agindo de determinada forma.



**Figura 18.** Luvas do brechó Llolla Lab, cílios postiços de porte enorme, chapéu de penas também do Llolla Lab, lantejoulas no rosto e glitter cobrindo a boca remetem o ar fantasioso à cena.

As cenas 5 e 6 se embaralham e não se sabe se expressam um pensamento suicida ou uma tentativa de fato. Coraline em ambas usa a mesma camisola antiga e levemente infantil. São as cenas onde ela está menos produzida, tanto em figurino quanto em maquiagem. Como se houvesse desistido da vida, o que de fato havia. Na cena 5 ela está no lago, onde mergulha. Quando volta à tona na água, ela sai na banheira, com a mesma roupa.



**Figura 19. Coraline (Lorena Loschi) veste camisola de acervo pessoal.**

A cena 6, embora faça uso de mesmo figurino e maquiagem da cena 5 por serem sequenciais, tem uma proposta visual diferente. Há uma dor maior expressa. É acrescentado polvilho à água da banheira para que a mesma fique turva. Não era apenas um banho, era uma experiência de quase morte, uma experiência de quase desistência. A água turva faz com que a pele da personagem fique da mesma cor que ela, simbolizando mais uma vez uma união entre pessoa e locação. É como se ela houvesse se desintegrado ao desistir da vida. Mas não saiu da experiência de tentativa de suicídio de mãos vazias. Ninguém que chega a este ponto sobrevive

sem carregar alguma cicatriz. E esta cicatriz é representada pelas flores e folhas que bóiam sobre a água da banheira, vindas do lago.

O médico Aretaeus da Capadócia foi o primeiro a perceber a doença. Ele observou que algumas pessoas tinham ciclos de profunda tristeza que se alternavam com momentos de tremenda felicidade e excitação. Ele sugeria que as pessoas se banhassem nas águas que continham lítio, [...]. ( Marina W., 2006, p. 84)



**Figura 20.** A água turva e a pele se tornam uma só. A flor simboliza a cicatriz deixada pela recém vivida experiência de tentativa de suicídio.

Ainda fazendo uso de simbologias, a cenografia da última cena foi montada também pensando em uma situação ritualística. As velas ao redor do corpo submerso em água. De onde a personagem ressurgue como uma nova pessoa.



**Figura 21. Personagem rodeada por velas**

### 4.3 A Fotografia

A fotografia do filme foi também bem pensada para causar um grande impacto visual, com tonalidades bem marcantes e muitas vezes fantasiosas. A proposta é fugir completamente da realidade e teletransportar o espectador para um mundo de sentimentos. Para fazer isso, portanto, as colorações usadas não poderiam ser relacionadas com o real, com o que o nosso olho humano é acostumado a ver no dia a dia.

Tendo em vista a influência psicológica que as cores têm no nosso subconsciente, foi montada uma proposta de paleta onde as tonalidades presentes em cada cena têm uma intenção clara de passar uma certa carga emotiva. Nas cenas onde são retratados ápices da mania, as colorações tendem a ser mais quentes e vivas, puxando para o amarelo e o laranja; enquanto nas cenas da depressão a temperatura de cor é mais fria, puxando para um tom mais azul e roxo. Tudo isso para reforçar a ideia de inserir o espectador dentro dos sentimentos de um bipolar em vez de colocá-lo simplesmente em uma posição de observador. Freitas (2007, p.4) descreve “pessoas sensíveis, que se deixam influenciar, e que têm tendência à desorganização e a oscilações emocionais, são geralmente indivíduos que têm preferência pela cor”. O pintor Vincent Van Gogh, por exemplo, foi um portador do transtorno bipolar cujo trabalho com cores intensas e marcantes é até hoje bastante estudado e reverenciado.

“Um crítico havia declarado que as formas distorcidas e as cores berrantes eram ‘produto de uma mente doentia’. O próprio Theo passou anos tentando, em vão, domar os excessos do pincel do irmão. Se pelo menos não usasse tanta tinta — não espalhasse camadas tão grossas... Se pelo menos diminuísse o ritmo — não soltasse tantas obras tão depressa... (...). Para Theo, apenas quem observasse esse temperamento e o rastro de lágrimas que deixava conseguiria realmente

entender a arte do irmão, com sua inabalável motivação interior. Essa era sua resposta a todos que depreciavam os quadros — ou as cartas — de Vincent como extravagâncias de um pobre coitado, como muitos ainda faziam. E insistia: só conhecendo Vincent ‘por dentro’ seria possível ver sua arte como seu criador a via, ou senti-la como ele a sentia.” ( Naifeh e Smith, 2012, p. 24 e 25)

Em relação à edição, *Ciclo*, por se tratar de um *Fashion Film*, gênero que exige mesmo nas cenas mais lentas uma certa agilidade nas mudanças de takes (assim como videoclipes e trailers), foram filmados variados ângulos para que ao final da edição, nenhum take durasse em média mais do que cinco segundos.

## **5. Memorial de Filmagem**

O filme *CICLO* foi gravado em um total de cinco dias no período de 20 de abril a 30 de julho. Como a equipe era composta em sua grande parte por estudantes e a atriz é uma modelo renomada com uma agenda cheia, o cronograma previamente estabelecido no período de pré-produção precisou ser modificado.

Como a mesma pessoa estava encarregada da direção do filme, da direção de fotografia e da direção de arte, antes dos dias de gravação era preciso passar cerca de uma semana para organizar tudo. Por se tratar de um filme de baixo orçamento, as peças de figurino e objetos de cena todos precisavam ser emprestados ou

alugados e, apesar de uma extensa pesquisa no período de pré-produção, era preciso checar a disponibilidade das peças nos dias mais próximos a gravação e fazer uma nova pesquisa caso as peças não estivessem mais disponíveis. E, se tratando de um *fashion film*, a atenção aos mínimos detalhes foi essencial.

## **Equipe**

A equipe era formada por: Julia Melo, estudante de Audiovisual da UnB, como assistente de fotografia; Fernanda Roza, estudante de Jornalismo do UniCeub, como assistente de direção de arte; Lorena Loschi, modelo da Unique Models, como atriz; Arthur Andrade, ex-aluno de Comunicação na UnB, na edição e montagem e Gabriel Pinheiro, DJ, na escolha e edição da trilha sonora, estes dois últimos estando presentes apenas no processo de pós produção.

## **Especificações Técnicas**

A câmera usada para a gravação foi uma Nikon D750 e a lente uma 50mm 1.8, o que possibilitou maior dramaticidade nos takes e ênfase aos detalhes necessários por conta de sua ampla abertura de diafragma. Não foi utilizado nenhum equipamento de som, visto que não havia falas no filme e ele seria todo composto por uma trilha sonora expressiva.

A dona da locação escolhida para a cena 6, que seria a primeira a ser gravada, apesar de já ter confirmado, cancelou na véspera do dia da gravação. Felizmente o figurino desta cena era emprestado de uma colega da equipe e não pego em uma loja por consignação, o que possibilitou um adiamento no dia da gravação sem maiores problemas. Não encontrando um local parecido com o que havia conseguido antes, decidiu-se gravar a cena 6 em um banheiro de mais fácil acesso e, através de uma angulação bem pensada, esconder os azulejos e objetos que não cabiam na cenografia. Como a cena 1 foi gravada também na mesma casa do banheiro, aproveitou-se para gravar ambas em um único dia.

No dia anterior à gravação, as peças que seriam usadas nas cenas 1 e 6 foram buscadas na loja Jogê e no brechó Llolla Lab, parceiro imprescindível para o figurino



do filme como um todo. Primeiro foi filmada a cena 1, pois era preciso uma determinada quantidade de luz que o sol da tarde emitia. Mais para o fim do dia a equipe passou para a cena 6, que seria filmada na banheira e, por ser à luz de velas, não dependia de luz solar.

O segundo dia de gravação foi dedicado à cena 2. Mais uma vez, no dia anterior o figurino foi buscado no Lolla Lab. No dia marcado a equipe se reuniu e começou o preparo da atriz, pois a maquiagem e o penteado desta cena eram mais elaborados. Se tratando de uma cena que fala sobre a raiva, além do figurino todo vermelho, a maquiagem foi pensada também para acompanhar, abusando da cor nos olhos e na boca. Depois de terminada a maquiagem e cabelo e preparado o sangue falso (feito com amido de milho, corante vermelho e achocolatado em pó), a equipe seguiu até a locação, uma mata perto da barragem do Paranoá. Começadas as filmagens, logo percebeu-se que alguns movimentos ficavam dificultados pelo vestido justo, como o de correr, que era movimento chave na cena, já que a personagem corre pela mata descarregando a raiva no processo. Além disso, a primeira opção de brincos, por ser de pressão, não sustentava seu próprio peso na orelha da atriz quando ela corria. Optou-se por tirar os brincos, já que o cabelo armado usado na cena deixava-os quase imperceptíveis. Em relação ao problema do movimento de corrida, decidiu-se resolvê-lo na pós-edição. Houve um momento de tensão ao chegar a vez do take em que era jogado sangue na atriz, já que só haveria uma chance para filmá-lo porque o vestido, o rosto da atriz e o machado ficariam depois muito sujos para que uma segunda tentativa fosse feita.

A próxima cena a ser filmada foi a cena 4. Ela seria gravada em uma casa de eventos recém aberta. Mas, mesmo com tudo já combinado e confirmado há dias por ambos os proprietários, 1 hora antes do horário marcado um dos donos ligou dizendo que não teria mais como a cena ser gravada lá. Decidiu-se por fazer uma adaptação no roteiro. Se seguido à risca, a cena deveria ser gravada em um local com muitos espelhos, onde a personagem ficaria rodeada e se admiraria em múltiplos ângulos. Mas, com o cancelamento literalmente de última hora, foi preciso improvisar uma localização. Filmou-se então em uma casa que tem um vitral de quase dez metros de altura que, quando iluminado pela luz do sol, emite uma luz rosada que daria à cena uma dramaticidade interessante. E, substituindo as paredes

de espelhos, um único espelho de mão dourado com o cabo todo trabalhado. A equipe se reuniu, aprontou a atriz, que, mais uma vez faria uso de uma maquiagem extravagante, com direito à enormes cílios postiços pretos e batom de glitter prateado, e foi para a locação escolhida. A gravação ocorreu sem mais problemas, bem como o roteiro planejava.

Entre a gravação da cena 4 e a da cena 5 houve um grande espaço de tempo em decorrência de dois motivos principais. Primeiro por causa da agenda cheia de outros trabalhos da Lorena. E, como ela estava participando do filme sem receber cachê, não era justo ela ter que adiar ou cancelar nenhum trabalho que estivessem pagando-a. Segundo porque uma das duas assistentes estava terminando sua monografia e as cenas seguintes eram muito trabalhosas para serem filmadas com apenas duas pessoas da equipe.

O penúltimo dia de gravação foi o da cena 5. Foi uma cena que possuía tomadas debaixo d'água que, ou arriscava-se fazer com um equipamento simples à prova d'água ou optava-se por mudar completamente a estética do resto do filme e filmava-se a cena com uma GoPro. A escolha foi de arriscar o equipamento porque a estética de grande angular que a GoPro traria para o filme ficaria muito destoante do restante sem uma intenção lógica ou estética. Além da questão do equipamento, houve um empecilho que nem de longe imaginava-se ter na época. A chuva. Em plena época de seca em Brasília choveu. Choveu três dias seguidos e os locais à beira do lago ficaram imundos, cheios de plantas que se descolaram das margens e a água ficou bastante turva. Esperou-se pouco menos de uma semana e a cena foi filmada. A locação escolhida foi o Parque das Garças no Lago Norte, por ser pouco movimentado em dias de semana e ter pedras de onde a Lorena poderia saltar como guiava o roteiro. Como a intenção era que ela mergulhasse no lago e subisse à tona na banheira com a câmera filmando-a de cima em um super plongée como se fosse um movimento único, em ambas as cenas precisou-se de uma escada. Na cena 6, que foi filmada no banheiro, isso não foi um problema. Mas, dentro do lago foi um pouco mais difícil por causa da baixa estabilidade que o chão de terra e o movimento da água proporcionavam. Após alguns testes foi percebido que mesmo a água já estando menos turva, não seria possível filmar debaixo d'água com a capa, porque a visibilidade estava péssima. Os testes na pré-produção foram todos feitos

em piscinas e, mesmo nem todas as piscinas estando limpas, não tinham a mesma visibilidade turva do lago. Percebeu-se que seria impossível manter essa tomada no filme. O restante da cena foi tranquilo de ser filmado, e em cerca de mais uma hora já havia terminado as gravações e as fotos.

A última cena a ser gravada foi a 3. Todos os objetos que seriam levados para a locação haviam sido previamente selecionados, mas por se tratar de uma mesa grande que deveria ficar abarrotada de informação, levou cerca de uma hora e meia para ser organizada. A equipe se prontificou a sacrificar pães, frutas, pratos, taças e talheres para a gravação da cena. Com a mesa praticamente pronta, a Fernanda e a Julia ficaram terminando a cenografia e enquanto a atriz foi levada ao salão onde ela faria um penteado e colocaria unhas postiças, ambos específicos demais para que pudesse ser feito pela equipe. Com o penteado não houve problemas, mas as unhas foram um caso à parte. Apesar de ter especificado o que seria feito ao marcar o horário no salão, chegando lá disseram que ninguém sabia fazer unhas Stiletto, que são unhas enormes e pontudas como se fossem garras. Como mencionado anteriormente, os detalhes são essenciais em um *fashion film*. E esta “unha-garra” na cena que retrata a compulsão, tornando a personagem quase animalesca, era indispensável. Consegui-se por fim convencer uma das manicures a se arriscar a fazer tal unha e, com cabelo e unhas prontas, a atriz voltou para a locação. A própria Lorena fez a maquiagem enquanto chegava o figurante que faria o mordomo. Mesmo com uma hora de atraso por conta do salão, a gravação seguiu sem maiores problemas.

## Conclusões

Nota-se que da data de início de pesquisas e descobertas acerca do transtorno bipolar (final do século XIX) até a data em que o primeiro livro sobre o tema foi lançado no Brasil (2002) há um vão, uma demora grande. E no meio deste tempo, várias pessoas sofreram, ficaram perdidas e sem rumo em relação ao que estava acontecendo com elas. É preciso difundir mais a cultura dos transtornos mentais. É preciso entendê-los como doença e entender os portadores como seres humanos como outros quaisquer. Com medos, inseguranças, vidas profissionais, contas para pagar, filhos para criar. Mas junto a tudo isso que muitos dos que se consideram “normais” acham pesado demais e os fazem julgar a vida difícil, os bipolares ainda têm que lidar com toda a confusão e complexidade de emoções que o distúrbio traz. É normal ser humano e é normal ter dor de cabeça, dor de barriga, intestino preso, diabetes, hipotireoidismo, pressão alta e, também, bipolaridade. O que faz alguém julgar o outro por causa da origem do problema? O que faz com que seja aceitável tomar remédio (insulina) para diabetes, mas não um remédio psiquiátrico? Ser aceitável tomar remédio para febre mas não para depressão?

Nota-se quão vasta é a quantidade de gente que acha ainda nos dias de hoje que problemas psicológicos como a depressão não existem, que é tudo invenção da pessoa para receber atenção ou não ir para o trabalho. Ou acham que outros problemas psicológicos como a esquizofrenia ou a bipolaridade é algo restrito a pessoas insanas que devem ser trancadas em um sanatório. O mundo caminha na direção de entender e respeitar a dor do outro. Aquela pessoa é uma professora, é uma médica, é um advogado, é um filho, é uma mãe. Nenhuma pessoa é igual a outra, nenhuma pessoa está vivendo a mesma vida da outra. As únicas coisas em comum são que todas têm problemas, seja em qual aspecto da vida for, têm dores, batalhas próprias e todas têm sentimentos que são afetados por isso. É preciso parar de temer o desconhecido e o diferente (e, expressá-lo, difundi-lo), porque o mundo é feito completamente disso.

E, ainda, por mais desafiador que seja inserir temas densos em formas experimentais (como o *fashion film*), é preciso arriscar, é preciso tentar fazê-lo. A grande tendência atual do mercado da moda é explorar mais a divulgação via

internet, tanto com editoriais fotográficos ou *fashion films* . Mas é importante que haja uma evolução na possibilidade de conteúdo destes produtos para que, por exemplo, a primeira representação do gênero que vem à cabeça das pessoas, deixe de ser as propagandas de perfume. É justificável que continue a haver a elaboração dos filmes mais superficiais, porque mantém a ideia do gênero de permitir uma ampla liberdade de criação. Mas é extremamente relevante começar um movimento em direção à um estilo de *fashion film* com mais a contar do que simplesmente mostrar roupas bonitas em cenários bonitos vestidos por pessoas bonitas. Seria um desperdício de um gênero tão rico em expressão.

## REFERÊNCIAS

LARA, Diogo. **Temperamento forte e bipolaridade**. Dominando os altos e baixos do humor. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

DE FREITAS, Ana Karina Miranda. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo, 2007.

W., Marina. **Não sou uma só: diário de uma bipolar**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

NIEMIEC, Ryan M. ; WEDDING, Danny. **Psicologia positiva dos filmes**. Usando filmes para construir virtudes e características fortes. São Paulo: Editora Novo Século, 2012.

LANDEIRA-FERNANDEZ, J; CHENIAUX, Elie. **Cinema e Loucura**. Conhecendo os transtornos mentais através dos filmes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARAH, Alexandra. **101 Filmes para quem ama moda**. São Paulo: SENAI-SP, 2016.

ECO, Umberto; SIGURTA, Renato; LIVOLSI, Marino; ALBERONI, Francesco; DORFLES, Gillo; LOMAZZI, Giorgio. **Psicologia do vestir**. Lisboa: Cooperativa Editora e Livreira, 1975.

LUFT, Pedro Celso. **Minidicionário**. São Paulo: Ática, 2001

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh: a vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

**AMADEUS**. Direção: Milos Forman, Produção: Saul Zaentz. Estados Unidos: The Saul Zaentz Company, 1984, 1 DVD.

Associação Brasileira do Transtorno Bipolar. **O que é o transtorno bipolar?** Disponível em: <<http://www.abtb.org.br/transtorno.php>> . Acesso em 20 de agosto de 2016

Portal Moda Moda Moda. **O que é um Fashion Film?** Disponível em: <<http://modamodamoda.com.br/o-que-e-um-fashion-film/>>. Acesso em 28 de agosto de 2016.

ORR, Gillian. **Fashion Films: Designs on a director's chair**. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/life-style/fashion/features/fashion-films-designs-on-a-directors-chair-8632829.html>>. Acesso em 14 de novembro de 2016,

**Anexos:**

Roteiro

CICLO

Por Alexia Fidalgo

## | ARGUMENTO |

Coraline, uma jovem moça portadora de transtorno bipolar, passa por fases maníacas, como as percepções do mundo e de si exageradas, a compulsão alimentar e a raiva; e fases depressivas como a apatia e o pensamento suicida.

## | ROTEIRO |

## CENA 1: APATIA

## INT. QUARTO – DIA

CORALINE deita em posição quase fetal na cama de lençóis brancos. Os cabelos estão bagunçados e ela veste apenas a calcinha e uma blusa de alcinha, ambas de cor clara. Seus olhos estão totalmente abertos, embora ela não se mexa. O único movimento é o dos seus olhos piscando lentamente enquanto fitam o nada. O quarto tem paredes claras e cortinas claras. O vento bate nas cortinas. Coraline levanta e senta na cama. Sons de sussurros calmos preenchem o vazio do quarto. Ela toca o rosto e suspira silenciosamente uma primeira vez, sentindo a tristeza tomar seu corpo. Tocando o corpo ela suspira uma segunda vez. Enquanto puxa o ar, ela encara o chão. Quando solta o ar, ela pisca e encara a câmera.

CORTA PARA

## CENA 2: RAIVA

## EXT. MATA – DIA



Coraline atravessa a tela em um relance, correndo. Seu vestido vermelho comprido balança enquanto ela o segura de ambos os lados. Ela para, ofegante. Seu rosto treme e expressa muita raiva. Ruídos altos ensurdecedores tocam ao fundo. Seus pés descalços, muito sujos de lama e grama estão ao lado de um machado fincado no chão. Ela olha para um lado e para o outro, pega o machado e levanta os braços pronta para atacar.

CORTA PARA

INSERT 1:

INT. QUARTO – DIA

Silêncio absoluto. Coraline está em seu quarto. Ela senta em uma cadeira antiga colocando o peso do corpo sobre as mãos que apoiam na cadeira. Coraline veste nada além da calcinha e da blusa de alcinhas. No tempo de um segundo vê-se seu rosto em primeiríssimo plano, seus olhos fecham e uma lágrima preta cai.

CORTA PARA

CONTINUAÇÃO CENA 2

EXT. MATO – DIA

Coraline está com os braços erguidos segurando o machado. Ela estira com força algo no chão que não se vê o que é. Sangue é esguichado em seu rosto, em suas mãos e em seus pés. O sangue escorre e pinga da sua boca, que carrega um forte batom vermelho. Ela coloca o cabelo atrás da orelha delicadamente e sorri de leve. Vê-se Coraline de costas sozinha ao longe.

FADE OUT

CENA 3: COMPULSÃO ALIMENTAR

## INT. SALA DE JANTAR – NOITE

Coraline arranca a coxa de um tender que está em cima de uma mesa decorada como que para uma festa. As luzes são baixas, a iluminação é quase toda artificial. Percorre-se a mesa toda, que esbanja um banquete. Coraline senta no fim, sozinha, vestindo uma camisa social branca. Seus cabelos estão presos em um falso moicano. Ela mostra os dentes e morde o pedaço da coxa de tender, arrancando-a. Coraline senta com os braços para baixo. Um braço com vestimentas de mordomo limpa sua boca dando tapinhas com um guardanapo de pano branco. O braço de mordomo agora serve vinho em uma taça enquanto Coraline olha na direção oposta. Ela bebe o vinho. Em primeiríssimo plano o vinho sai da taça para a boca de Coraline e então o movimento é rebobinado, repetindo ambas ações em sequência. Coraline pega um punhado de morangos nas mãos e aperta-os próximo ao seu rosto, os dedos vestidos por anéis de pedras.

CORTA PARA

## CENA 4: PERCEPÇÃO DE SI EXAGERADA

## INT. SALA DE ESPELHOS – DIA

Sobe uma fumaça esbranquiçada em uma sala com vários espelhos. Coraline tem a cabeça coberta por adornos, seu rosto brilha com purpurina. Ela se admira no espelho por uns instantes, sentindo o próprio rosto e o próprio corpo. A fumaça sai de sua boca também em meio a sorrisos. Ela chega o rosto cada vez mais perto do espelho, encarando-o, solta o ar lentamente fazendo com que o espelho embace e então lambe seu reflexo. O chão ainda coberto por fumaça branca.

## CENA 5: PENSAMENTO SUICIDA

## EXT. LAGO – DIA

Coraline pula dentro do lago. Ela veste um vestido de cor clara e de aspecto antigo. Seus lábios carregam um forte batom vermelho. A poeira que seu movimento gerou

sobe em suas pernas. Ela mergulha a cabeça mais para o fundo e tenta se manter submersa segurando no chão de areia. Coraline ainda submersa olha pra cima se deixando engolir a água.

## CENA 6

### INT. BANHEIRA – DIA

Coraline senta de costas no canto de uma banheira vestindo o mesmo vestido com o qual entrara no lago. Ela coloca uma mão para trás e solta um punhado de areia. Em um efeito reverse a areia volta para sua mão, ela deita na banheira e mergulha a cabeça fundo na água. Coraline de olhos fechados volta lentamente com o rosto para a superfície.

FIM

**Direção de Arte:****Lista de objetos****CENA 1: “Cama”**

- Jogo de lençol branco
- Lingerie clara
- Ventilador pra mexer as cortinas
- Abajur
- Vaso com plantas
- Cadeira antiga
- Espelho grande
- Escada

**CENA 2: “Floresta”**

- Machado
- Sangue falso (2 potes separados)
- Galhos secos para o cabelo
- Pinhas para o cabelo
- Brincos grandes
- Repelente
- Lenços umedecidos para modelo

**INSERT 1: “Cadeira”**

- Cadeira antiga
- Espelho de mão
- Espelho grande
- Lingerie clara e blazer cropped vinho Lllolla Lab
- Colares de pérola

**CENA 3: “Banquete”**

- Candelabros
- Velas normais
- Velas vermelhas
- Tender/frango assado
- Uvas verdes e roxas
- Morangos
- Cerejas
- Calda de cereja
- Torradas
- Cesta de pães
- 10 taças de vidro

- Vinho (suco de uva)
- 2 ou 3 jarras para bebidas
- Pratos de prata
- 10 jogos de talheres
- 10 jogos americanos
- Figurante para garçom/mordomo
- Terno para figurante
- Luvas brancas para figurante
- Anel de pedra
- Unhas postiças stiletto/ pontudas e pretas
- Escada

#### **CENA 4: “Espelhos”**

- Máquina de fumaça
- Adereços de cabeça – Lolla Lab
- Glitter / purpurina / adesivos de bolinha pequenos
- Narguilé
- Escada
- Espelho de mão
- Luvas claras

#### **CENA 5: “Lago”**

- Toalhas
- Sacolas para as roupas molhadas
- Capa a prova d’água
- Óculos de mergulho
- Escada

#### **CENA 6: “Banheira”**

- Muitas velas de tamanhos e formatos diferentes
- Sais de banho/amido pra deixar a água turva
- Escada
- Gravetos do lago

Moodboards



